

FROST — RÁPIDA VISÃO DE DOIS ASPECTOS

GLÓRIA MARIA DE MELLO

Para explicar Robert Frost, é preciso situá-lo na poesia americana. Apesar de seu primeiro livro «A Boy's Will» (1) ter sido editado na Inglaterra e só dois anos depois nos Estados Unidos, tinha as características da «nova poesia» americana. Era a poesia que começava a se libertar dos moldes ingleses, e a época de seu aparecimento é conhecida como a «Renasença da Poesia Americana». Foi a partir do primeiro número da revista «Poetry: A Magazine of Verse», fundada por Harriet Monroe em Chicago, que o público tomou conhecimento da «nova poesia». Nela foram publicados trabalhos de poetas como Ezra Pound (1885), Vachel Lindsay (1879/1931), James Oppenheim (1882/1932), Amy Lowell (1874/1925), Edgar Lee Masters (1869/1949), Edwin Arlington Robinson (1869/1935), Carl Sandburg (1878/1967), Hilda Doolittle (1886/1961), T.S. Eliot (1888/1965), Marianne Moore (1887), e também de Robert Frost.

Uma característica marcante de Frost é refletir na sua poesia a experiência humana. É um traço comum a todos os seus poemas, não importa se uma narrativa dramática, uma sátira, ou um poema lírico. Em «Home Burial» (2), vemos uma mulher tomada pela dor da morte do primeiro filho e que se torna histérica, acusando o marido de não se importar. Não o perdoa por ter cavado a sepultura e logo depois ter

falado a respeito de suas preocupações diárias. As descrições que aparecem no meio do diálogo dão ao poema a atmosfera de conversa interrompida pela emoção e pela busca da palavra melhor (na mulher, a palavra que fira mais; no homem, a que possa acalmá-la). E no que um diz ao outro vemos o que a experiência lhes ensinou. Quando o homem tenta conversar e a mulher diz que ele não sabe dizer as coisas, pede ajuda: Help me, then.

.....

My words are nearly always an offense.
I don't know to speak of anything
So as to please you. But I might be taught
I should suppose. I can't say I see how. (3)

Admite que há essa distância entre os dois, mas sabe que o simples fato dela não deixá-lo aproximar-se naquele momento não é o bastante para afastá-lo do seu sofrimento:

Let me into your grief. I'm not so much
Unlike other folks as your standing there
Apart would make me out. Give me my chance. (4)

O diálogo continua, e atinge uma intensidade dramática extraordinária quando o homem diz:

"I shall laugh the worst laugh I ever laughed.
I'm cursed. God if I don't believe I'm cursed". (5)

E mais adiante, uma revelação da mulher mostra como as pessoas reagem diante da morte. Diz que os melhores amigos podem ir com qualquer um para a morte mas que, como não a compreendem, talvez nem tentem ir. E logo em seguida:

No, from the time when one is sick to death,
One is alone, and he dies more alone. (6)

Mas estão igualmente sòzinhas as pessoas que perderam alguém. Os amigos fazem apenas uma exibição:

Friends make pretense of following to the grave,
But before one is in it, their minds are turned
And making the best of their way back to life
And living people, and things they understand. (7)

«Wild Grapes» (8) descreve com bom humor a experiência, e o que veio depois dela. Uma menina que de repente se viu dependurada numa trepadeira de uvas selvagens por não saber como segurar o galho para colhêr as frutas, começou a viver quando seus pés novamente tocaram o chão. O ar despreocupado da personagem traz a impressão de que a experiência não foi importante, mas verificamos o contrário:

I was born, I suppose, like anyone,
An grew to be a little boyish girl
My brother could not always leave at home. (9)

Era assim até aprender muito de um incidente. Depois, o que é a sua vida agora:

And the life live now's an extra life
I can waste as I please on whom I please. (10)

Mas essa vida não começou com o nascimento:

So if you see me celebrate two birthdays,
And give myself out as two different ages,
One of them five years younger than I look... (11)

Frost conta então tôda a história com um humor talvez inesperado para quem conhece suas narrativas dramáticas. O irmão sobe na trepadeira e atira as uvas selvagens para a menina. Resolve que ela deve colhêr as próprias frutas:

So then, to make me wholly self-supporting,
He climbed still higher and bent the tree to earth
And put it in my hands to pick my own grapes. (12)

Quando segura o galho pensa que está firme, mas é levada para o alto pela árvore:

I said I had the tree. It wasn't true.
The opposite was true. The tree had me.
The minute it was left with me alone
It caught me up as if I were the fish
And it the fishpole. (...) (13)

Os versos seguintes são a conversa dos dois enquanto o irmão tentava ajudá-la fazendo-a rir. Dizia que agora ela sabia como era ser um punhado de uvas que a rapôsa não conseguiria apanhar; prometia sacudir a árvore até que ela caísse se não soltasse o galho; e finalmente pede que segure firme enquanto êle pensa o que fazer. Puxa então o galho para baixo, e ela diz o que sentiu:

I don't know much about the letting down;
But once I felt ground with my stocking feet
And the world came revolving back to me,
I know I looked long at my curled up fingers,
Before I straightened them and brushed the bark off. (14)

A pergunta do irmão: «Don't you weigh anything?» (15) segue uma conclusão importante:

It wasn't my not weighing anything
So much as my not knowing anything...
My brother had been nearer right before.
I had not taken the first step in knowledge; (16)

«Meeting and Passing» (17) é um poema lírico que envolve duas pessoas, como os outros dois, mas de forma diferente. As pessoas se encontram, e o caminho que percorrem juntos faz com que se conheçam.

...We met. But all
We did that day was mingle great and small
Footprints in summer dust as if we drew
The figure of our being less than two
But more than one as yet... (18)

Começam a se amar, e a vida que têm juntos, suas experiências, fazem com que se conheçam realmente:

Afterward I went past what you had passed
Before we met and you what I had passed. (19)

Três poemas fundamentalmente diferentes, com um traço de ligação. E êsse traço existe, porque Frost escreve sôbre a

vida, porque as pessoas sentem, pensam e falam nos poemas. Através dêsse fato, podemos também explicar a universalidade de Robert Frost.

O cenário de tôda a sua poesia é a Nova Inglaterra, e muitos críticos consideram imperdoável ser um poeta regional. Alguns chegam a afirmar que Frost se recusa a enfrentar a realidade do mundo moderno falando sempre da vida do campo. John F. Lynen no ensaio «Frost as Modern Poet» (20) mostra que ocorre exatamente o contrário dizendo:

«A retirada de Frost para o campo é uma aproximação à realidade. Podemos ver a natureza positiva desta atitude tomando conhecimento da maneira com que proclama seu desejo de escapar. Isso foi adotado como tema principal na sua poesia, e êle nunca o justifica no plano de que a vida arbana seja desconfortável ou feia. Ao contrário, deixa claro que o mundo em que se refugiou é mais duro e exige mais. Como «After Apple-Picking» (21), «Two Tramps in Mud-Time» (22), e muitos outros poemas mostram, um dos elementos centrais na atração que o campo da Nova Inglaterra tem para êle é que lá, a vida da imaginação pode ser feita coincidir com a modesta forma de ganhar a vida.»

Em “After Apple-Picking” vemos um homem que, depois de terminar a colheita das maçãs, revê cada fase do trabalho. O sono começa a tomar conta do seu corpo, mas as imagens, sons e sensações do dia exaustivo permanecem e não o deixam dormir. Primeiro pensa na escada que ainda está apoiada a uma das macieiras:

My long two-pointed ladder's sticking through a tree
Toward heaven still. (23)

Há um barril que não chegou a encher, e algumas maçãs que não foram colhidas, mas diz:

But I am done with apple picking now. (24)

È um alívio pensar que terminou, e sente então o perfume das maçãs:

Essence of winter sleep is on the night,
The scent of apples: I am drowsing off. (25)

Os pés estão doloridos, e êle ainda sente o degrau da escada
sob êles:

My instep arch not only keeps the ache,
It keeps the pressure of a ladder-round. (26)

O trabalho foi demais, apesar de uma grande colheita ter sido
o seu desejo:

For I have had too much
Of apples-picking: I am overtired
Of the great harvest I myself desired.
There were ten thousand thousand fruit to touch,
Cherish in hand, fift down and not let fall. (27)

Em dois dos últimos versos, o homem sabe que não vai mais
conseguir dormir:

One can see what will trouble
This sleep of mine, whatever sleep it is. (28)

O dia de trabalho monótono e cansativo perturba o sono do homem do campo tanto quanto o do homem da cidade. A realidade é a mesma. A diferença está no fato de que o homem do campo não dorme porque as imagens se repetem; o da cidade, porque está preocupado com o dia seguinte. Não sente o degrau da escada sob os pés, mas pode estar sentindo o balanço do avião. Frost não foge à realidade. Usa o campo da Nova Inglaterra para mostrá-la. Em "The Death of The Hired Man» (29), uma de suas mais impressionantes narrativas dramáticas, temos uma análise dos valores humanos na conversa de um casal de fazendeiros. Silas, um velho que costumava ajudar a cortar o feno volta à casa dos dois. Mary, a mulher, espera o marido para dizer-lhe da volta de Silas. A conversa que têm mostra a cuidadosa caracterização de cada personagem, ao mesmo tempo que mostra o que sentem em relação à vida.

"Warren," she said, "he has come home to die:
You needn't be afraid he'll leave you this time."
"Home," he mocked gantly.
"Yes, what else but home?"

.....
"Home is the place where, when you have to go there,
They have to take you in."
"I should have called it
Something you somehow haven't to deserve". (30)

Nêsse trecho, a definição que Warren dá do que chamamos de nossa casa, logo depois completada por Mary, nos surpreende por ser realmente assim para tôdas as pessoas: um lugar onde têm que nos deixar entrar, e uma coisa que não precisamos merecer. Em um trecho anterior a êste, três versos foram o bastante para caracterizar Silas:

Poor Silas, so concerned for other folk,
And nothing to look backward to with pride,
And nothing to look forward to with hope. (31)

È o retrato de um homem que nada conseguiu da vida, e vemos no que ela se resume para a maioria das pessoas: alguma coisa de que se orgulhar, e uma esperança.

A imensa obra de Robert Frost ainda traz um número quase inesgotável de aspectos a serem observados. Ficamos em dois dêles. São um passo para compreender um dos maiores e mais importantes poetas americanos.

NOTAS

- 1 — David Nutt, Londres, 1913.
- 2 — Complete Poems of Robert Frost, 1949, Holt, N.Y. Pag. 69.
Os poemas mencionados encontram-se nêsse volume.
- 3 — Ajude-me então.

.....
Minhas palavras são quase sempre uma ofensa.

- Não sei dizer nada
Que lhe agrade. Mas posso aprender
Suponho. Só não sei dizer como.
- 4 — Deixe-me entrar em seu sofrimento. Não sou
Tão diferente dos outros, como você ficar aí,
Longe, não me deixa longe. Dê-me uma chance.
- 5 — Vou dar a pior risada que já dei na vida.
Estou amaldiçoado. Meu Deus se eu não sei que estou amaldiçoado.
- 6 — Não, desde que uma pessoa está à morte,
Ela está só, e morre mais só.
- 7 — Os amigos fingem seguir até a cova,
Mas antes da pessoa estar nela, suas mentes já se voltaram
E estão fazendo o máximo para voltar à vida
E às pessoas vivas, e às coisas que eles compreendem.
- 8 — Idem, pag. 240.
- 9 — Nasci, suponho, como qualquer um,
E tornei-me uma menina com jeito de menino
Que meu irmão nem sempre podia deixar em casa.
- 10 — E a vida que vivo agora é uma vida diferente
Que posso desperdiçar como quero com quem eu quero.
- 11 — Se você me vir celebrar dois aniversários,
Uma delas cinco anos mais nova que pareço...
- 12 — Então, para fazer-me auto-suficiente,
Subiu mais alto e tombou a árvore
E colocou-a em minhas mãos para apanhar minhas próprias uvas.
- 13 — Eu disse que tinha a árvore. Não era verdade.
Era ao contrário. A árvore tinha a mim.
Quando foi deixada comigo
Levantou-me como se eu fôsse o peixe
E ela a vara.
- 14 — Não sei muito sobre a descida;
Mas quando senti o chão sob os pés
E o mundo voltou em confusão para mim,

Sei que olhei longamente para os dedos dobrados,
Antes de esticá-los e sacudir os farelos.

- 15 — Você não pesa nada?
- 16 — Não era bem eu não pesar nada
Tanto quanto não saber nada...
Neu irmão estava perto antes.
Eu não tinha dado o primeiro passo para aprender.
- 17 — Idem, pag. 148.
- 18 — Nós nos encontramos. Mas tudo
O que fizemos naquele dia foi misturar grandes e pequenas
Marcas de pés na poeira do verão como se para desenhar
O nosso ser menos de dois
E mais de um ao mesmo tempo...
- 19 — Depois passei onde você passou
Antes de me encontrar e você por onde eu passei.
- 20 — in ROBERT FROST — A collection of Critical Essays, ed. James
O. Cox, Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs, N. J.
- 21 — Idem, pág. 88.
- 22 — Idem, pág. 357.
- 23 — A minha escala ainda aponta para o céu
Atravessando uma árvore.
- 24 — Mas agora terminei a colheita das maçãs.
- 25 — Há essência de sono de inverno na noite,
O perfume das maçãs: estou adormecendo.
- 26 — A planta dos pés não só conserva a dor,
Conserva a pressão do degrau da escada.
- 27 — Porque foi demais a colheita das maçãs
Estou exausto da grande safra que desejei.
Eram dez mil vezes maçãs para tocar,
Acariciar, colher, e não deixar cair.
- 28 — Qualquer um pode ver o que vai perturbar
Esse meu sono, não importa que sono seja.
- 29 — Idem, pág. 49.
- 30 -- "Warren", disse ela, "êle veio para casa para morrer
Você não precisa ter medo, êle vai deixá-lo agora".

"Para casa", zombou éle.

"Sim, o que mais senão para casa?

Tudo depende do que você quer dizer com sua casa".

.....

"Sua casa é o lugar onde têm que deixá-lo entrar
Quando você vai lá".

"Eu deveria chamá-la

Aquilo que você não precisa merecer".

- 31 — Pobre Silas, tão preocupado pelos outros
E nada para se orgulhar no passado,
E nada para esperar no futuro.

Não houve, nas traduções, a intenção de dar uma visão
poética, mas a de transmitir o conteúdo dos poemas.

BIBLIOGRAFIA

- Boy's Will — David Nutt, Londres, 1913.
Henry Holt, N. Y., 1915.
- North of Boston — David Nutt, Londres, 1914.
Henry Holt, N. Y., 1914.
- Mountain Interval — Henry Holt, N. Y., 1916.
- New Hampshire: A poem with notes and grace notes — Henry Holt,
N. Y., 1923.
- West-Running Brook — Henry Holt, N. Y., 1928.
- A Further Range — Henry Holt, N. Y., 1936.
- A Witness Tree — Henry Holt, N. Y., 1942.
- A Masque of Reason — Henry Holt, N. Y., 1945.
- A Masque of Mercy — Henry Holt, N. Y., 1947.
- Steeple Bush — Henry Holt, N. Y., 1947.
- ROBERT FROST — A Collection of Critical Essays, ed. James M.
Cox, Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs, N. J.
- An Introduction to Robert Frost — Elizabeth Isaacs — Alan Swallow-
Denver.